

---

**LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

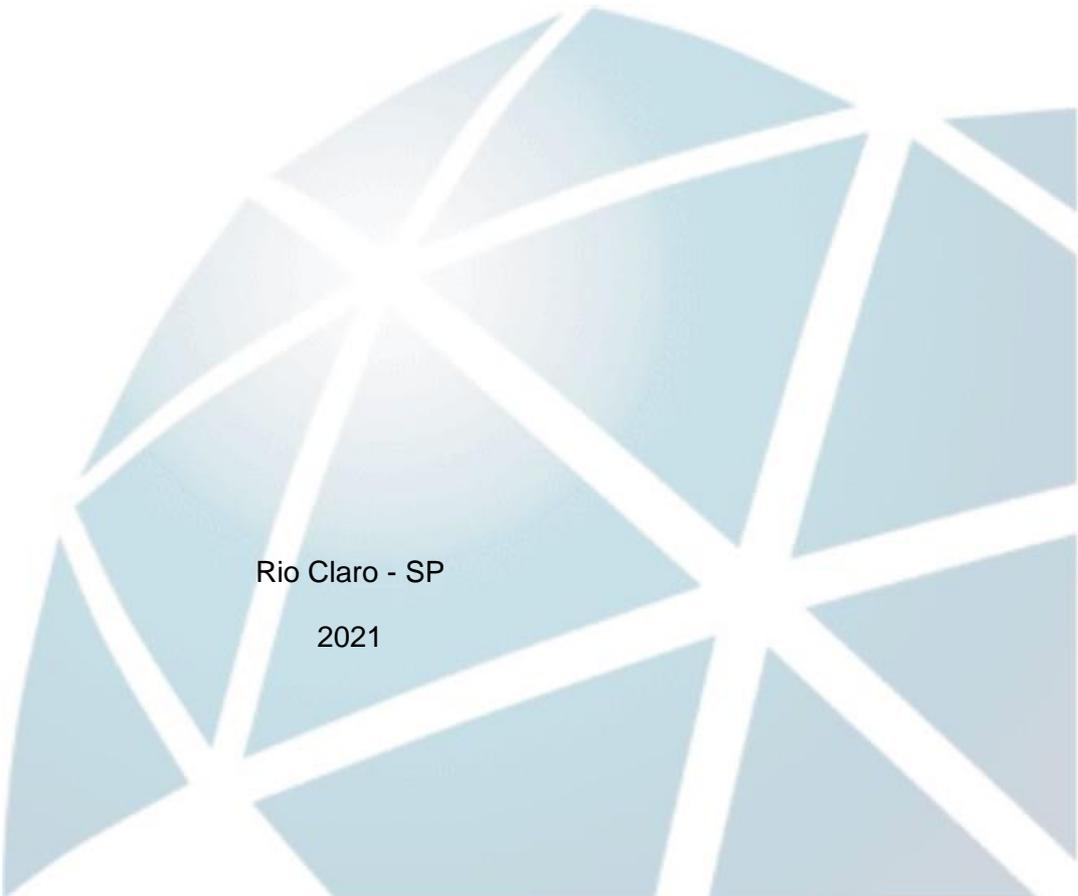
---

**DANIELE ALVES MUNARI**

**CONTRIBUIÇÕES DO COMENDADOR AMÉRICO  
EMÍLIO ROMI PARA A EDUCAÇÃO DA CIDADE DE  
SANTA BÁRBARA D'OESTE**

Rio Claro - SP

2021



DANIELE ALVES MUNARI

CONTRIBUIÇÕES DO COMENDADOR AMÉRICO EMÍLIO ROMI  
PARA A EDUCAÇÃO DA CIDADE DE SANTA BÁRBARA D'OESTE

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luís Mialhe

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Instituto de Biociências da  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de  
Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro,  
para obtenção do grau de Licenciatura  
plena em Pedagogia.

Rio Claro - SP  
2021

M963c	<p>Munari, Daniele Alves</p> <p>Contribuições do Comendador Américo Emílio Romi para a educação da cidade de Santa Bárbara d'Oeste / Daniele Alves Munari. -- Rio Claro, 2021</p> <p>43 p.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro</p> <p>Orientador: Jorge Luís Mialhe</p> <p>1. Educação. 2. Fundação Romi. 3. Santa Bárbara d'Oeste. I. Título.</p>
-------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso a Deus e a meus pais, que durante este período estiveram ao meu lado me apoiando com paciência e carinho em cada passo do caminho para a realização deste sonho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter concedido o dom da vida e a saúde necessária para buscar o sonho da graduação.

Aos meus pais, Luis e Rosana, e meu irmão Guilherme, que nunca mediram esforços para me proporcionar essa conquista, por acreditarem em mim e me incentivarem mesmo nos momentos de dificuldade com muito carinho e compreensão.

As minhas amigas Gabriella, Ingrid, Mikaely e Taína que estiveram presentes em todos os momentos dessa jornada e fizeram dessa uma das melhores experiências da minha vida.

Ao professor Jorge Mialhe, meu orientador, com quem compartilhei as dúvidas acerca do tema, obrigada pelas orientações.

“São as nossas escolhas, que revelam o que realmente somos muito mais do que nossas qualidades.” (ROWLING, 1998, p. 280).

## RESUMO

O trabalho traz como tema as contribuições para a educação da cidade de Santa Bárbara d'Oeste do Comendador Américo Emílio Romi. Desse modo, ao longo do desenvolvimento do mesmo será abordado um pouco sobre a trajetória de vida dessa figura histórica para a cidade citada, bem como alguns feitos dentro das indústrias que ele fundou e que serviram também como ponto de partida financeiro para a Fundação Romi. O foco da análise está em todo o processo de criação, construção e no funcionamento da fundação que ele deixou e da escola estadual que leva o seu nome. A intenção é investigar suas motivações e toda a relação que ele tinha com a educação, seus esforços para que a qualidade da mesma melhorasse de forma significativa na cidade, e todo o processo pelo qual foi necessário passar para que a Fundação Romi se tornasse uma grande instituição que ajudou muitas pessoas. A pesquisa se utilizará de metodologia qualitativa e terá suas fontes baseadas em bibliografias da figura central referida e fontes disponíveis no Centro de Documentação Histórica do município de Santa Bárbara d'Oeste.

**Palavras-chave:** Educação. Fundação Romi. Santa Bárbara d'Oeste.

## **ABSTRACT**

This study brings as theme the contributions to education of Santa Bárbara d'Oeste city by Comendador Américo Emílio Romi. Therefore, it will be discussed a little bit about the life trajectory of this historical figure for the mentioned city during the development of this paper, as well as some achievements within the industries he founded and which also served as a financial starting point for the Romi Foundation. The focus here is on the whole process of creation, construction, and functioning of the foundation that he has left and the state school that bears his name. The intention is to investigate his motivations and all the relationship he had with the education, his efforts towards its quality improvement, and all the process which was necessary to go through as so Romi Foundation became a huge institution that has been helping many people. The research will use a qualitative methodology and will have its sources based on bibliographies of the central figure mentioned and sources available at the Historical Documentation Center of the municipality of Santa Bárbara d'Oeste

**Keywords:** Education. Romi Foundation. Santa Bárbara d'Oeste.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1. QUEM FOI COMENDADOR AMÉRICO EMÍLIO ROMI</b> .....	11
<b>2. SANTA BÁRBARA D'OESTE: BREVE HISTÓRICO DA CIDADE QUE O COMENDADOR AJUDOU A CRESCER</b> .....	18
<b>3. A FUNDAÇÃO ROMI E O NÚCLEO DE EDUCAÇÃO INTEGRADA (NEI)</b> .....	21
<b>3.1. Projetos Paralelos</b> .....	26
<b>3.2. Resultados</b> .....	28
<b>4. A EXPERIÊNCIA DE SER UMA ALUNA DA FUNDAÇÃO ROMI</b> .....	30
<b>5. ESCOLA ESTADUAL COMENDADOR EMÍLIO ROMI</b> .....	33
<b>6. SENAI ALVARES ROMI E O VALOR DA EDUCAÇÃO TÉCNICA</b> .....	38
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	40
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	41

## INTRODUÇÃO

Apesar de ser um nome conhecido em toda a cidade de Santa Bárbara d'Oeste e para além dela, são poucas as pessoas que conhecem as realizações do Comendador Américo Emílio Romi para além da Romi-Isetta e suas indústrias, principalmente quando se entra no campo da educação e nos impactos que suas intervenções tiveram para o desenvolvimento do município e a região próxima.

Com uma escola que vem ganhando reconhecimento para além dos limites da cidade (NEI), em que se encontra uma unidade do SENAI implantada com grande participação de sua família e uma escola estadual que leva seu nome e tem um dos maiores IDESP do estado de São Paulo é interessante a realização de um estudo mais profundo sobre suas realizações, como e porque elas se deram, quais foram os obstáculos enfrentados para alcançá-las, de que forma elas impactaram o município de Santa Bárbara d'Oeste, a contribuição dessas realizações para a vida comunidade, pois como disse o próprio Emílio Romi no seu discurso de inauguração da Fundação no dia 29 de junho de 1957: "Tenho certeza que vocês não deixarão perecer isto que vai servir a todos".

As principais razões que levaram ao desenvolvimento da pesquisa foram à curiosidade em compreender os motivos que fizeram com que uma pessoa ligada principalmente ao setor privado preocupar-se com a qualidade e acesso à educação, resgatar a memória de projetos que já passaram pelas instituições estudadas e hoje não estão mais em vigor, mas, que tiveram sua importância e contribuição para a história da educação de Santa Bárbara d'Oeste e finalmente, analisar o quanto elas obtiveram resultados satisfatórios e que podem ser considerados até mesmo impressionantes em alguns aspectos.

O objetivo geral do trabalho é analisar as contribuições de Américo Emílio Romi para a educação do município de Santa Bárbara d'Oeste. Os objetivos específicos são: i. compreender as razões que o levaram a se preocupar com a pauta da educação na cidade, mesmo não sendo do meio educacional; ii. resgatar os projetos educacionais concebidos por ele e por sua equipe pedagógica e os desafios para sua implementação; iii. investigar os resultados obtidos por esses projetos, quais fracassaram, quais foram os exitosos e os motivos para isso.

Para tanto, a investigação utilizará a metodologia qualitativa e a técnica histórica. As principais fontes de pesquisa serão a bibliográfica e a documental. Nesse sentido, as principais fontes documentais a serem consultadas para a

pesquisa encontram-se no CEDOC (Centro de Documentação Histórica), localizado em Santa Bárbara d'Oeste.

O presente trabalho foi dividido em seis capítulos. No primeiro, tratou-se da biografia do comendador Américo Emílio Romi. Em seguida, apresentou-se um breve histórico da cidade de Santa Bárbara d'Oeste. O capítulo seguinte está centrado na Fundação Romi, seus projetos paralelos e seus resultados. No quarto capítulo, a autora apresenta as suas impressões na condição de ex-aluna daquela instituição. Finalmente, abordou-se a constituição da Escola Estadual Emílio Romi e do SENAI Alvares Romi, com destaque para a educação técnica.

## 1. QUEM FOI COMENDADOR AMÉRICO EMÍLIO ROMI

Américo Emilio Romi é lembrado pelo motivo maior de ter sido o homem que fabricou o primeiro carro nacional (o Romi-Isetta), porém, esse não foi o único grande feito desse visionário, foi apenas um pedaço de sua história marcada por grandes conquistas, idas e vindas, encontros e desencontros, enfim, uma vida pautada em fracassos e recomeços.

Segundo Brandão (1996) Emílio Romi nasceu em São José do Rio Pardo, SP, no dia 26 de junho de 1896, filho de Policarpo Romi e Regina Seppia, imigrantes italianos.

No final do ano de 1895, sem escolha quanto ao futuro em sua terra natal seus pais embarcaram com destino ao Brasil (que vivia seus primeiros anos de República) em busca de novas oportunidades. (BRANDÃO, 1996).

O casal Romi chegou ao Brasil sem ao menos saber falar o idioma, mas, com um objetivo claramente traçado: instalar-se e reiniciar a vida em outro continente. Ao desembarcarem sua primeira parada foi a Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo, que funcionava como um centro de triagem, com um controle rígido, e foram agregados ao grupo que se dirigiu a São José do Rio Pardo. Durante a viagem para lá perceberam que a família iria se instalar para trabalhar duro, quase como escravos. (BRANDÃO, 1996).

São José do Rio Pardo fazia parte da terceira frente cafeeira do estado de São Paulo e abrigava muitos imigrantes italianos que vinham para trabalhar nas fazendas; nos contratos aos quais estes eram submetidos constavam que além de trabalhar a terra do fazendeiro, cada família receberia uma casa de alvenaria e teria direito a um pequeno lote para subsistência própria, foi por conta deste contrato que aconteceu a primeira decepção da família Romi em terras brasileiras ao perceberem que esses contratos não eram cumpridos, ganharam como moradia um rancho em ruínas, às margens do rio Pardo, na fazenda Vila Mariana. Em seus primeiros momentos no Brasil, o pai de Emílio, Policarpo trabalhou como lavrador. Seis meses após a chegada do casal, na noite de 26 de junho de 1896, nasceu Américo Emílio Romi. (BRANDÃO, 1996).

Um ano após seu nascimento, em 1897, seus pais tiveram condição de se mudar para o centro da vila, onde abriram um pequeno empório, seguido de uma oficina de reparos gerais. (BRANDÃO, 1996).

Quando o século XIX terminou Policarpo e Regina mudaram-se, com seus agora três filhos, para Casa Branca. Essa época marcou o início do

fascínio de Emílio pela mecânica, assistindo seu pai trabalhar como maquinista na Estrada de Ferro Mogiana. (BRANDÃO, 1996).

Foi em Casa Branca que Emilio Romi frequentou a escola com regularidade, no Grupo Doutor Rubião Júnior. Lá ele mostrou aptidão para matemática e física, matérias que faziam parte do currículo do primário. (BRANDÃO, 1996).

Em 1912, quando Emílio estava com 15 anos, por questões de saúde do pai que sofria com uma séria bronquite por conta do tempo que trabalhou na estrada de ferro e também porque Policarpo desejava dar uma melhor educação para os filhos, mostrar-lhes condições de vida diferentes, a família embarcou em Santos com destino a Gênova, aonde chegaram em março, seguindo para Rapolano Terme. Próximo há completar 16 anos o menino foi enviado para a casa dos tios em Milão para estudar. Emílio se matriculou no curso de eletrotécnica, frequentando as aulas à noite. Nos exames de 1914 teve um trabalho sobre atritos de deslizamento muito elogiado e recebeu nota máxima. (BRANDÃO, 1996).

Em dezembro de 1915, então com 19 anos e meio o jovem Romi recebeu uma intimação para apresentar-se em Brescia, para servir ao exército italiano em função da Primeira Guerra Mundial. Regina sua mãe tentou impedir alegando que o garoto era brasileiro, porém, o governo valeu da alegação do *jus sanguinis*, o que significa que o sangue determina a nacionalidade, pois o Estado não é apenas uma potência territorial, é uma nação. “As suas leis são feitas para os nacionais e devem acompanhar estes onde quer que estejam. O *jus sanguinis* deve preponderar sobre o *jus soli*”. (NOBREGA apud MIALHE, 2018, p.225)

Em 17 de janeiro ele se apresentou ao regimento 27 da *Cavalegieri Aquila*, um dos trinta regimentos de cavalaria existentes na Itália. Por ter estudos e conhecimentos eletrotécnicos Emílio aprendeu o código Morse se tornando um dos telegrafistas da guarnição. Com o que sabia de mecânica consertava veículos motorizados e peças de artilharia e adquiriu noções de balística. Já em 1916 passou a ser auxiliar do professor Angeli, técnico em balística, que desenvolvia uma pesquisa secreta sobre um projétil teleguiado. Quando a pesquisa mostrou resultados satisfatórios Emílio foi incumbido de informar ao alto comando, porém isso nunca aconteceu, no caminho para cumprir a tarefa sofreu um grave acidente que mudou sua vida. (BRANDÃO, 1996).

Por conta do acidente permaneceu internado e foi durante sua passagem pelo hospital que conheceu Olímpia Gelli, enfermeira voluntária que morava no hospital; viúva de Guido que tinha sido administrador de uma fazenda e morrera lhe deixando um filho, Carlos, nascido em 1914. Quando

teve alta Emílio e Olímpia estavam apaixonados; por conta dos costumes da época demoraram um pouco, mas, se casaram um junho de 1917 em Piacenza, uma cidade 40 quilômetros ao sul de Milão. Fixaram residência na cidade após Emílio conseguir autorização para servir ali. Após a guerra terminar em novembro de 1918 ele ainda permaneceu um tempo de serviço se desligando em 1919 quando se mudaram para Milão. (BRANDÃO, 1996).

Em 1923 por conta das questões políticas que a Itália enfrentava, com Mussolini no poder, Romi decide voltar para o Brasil, embarcando às vésperas do Natal e chegando ao destino 23 dias depois, em 11 de janeiro de 1924. (BRANDÃO, 1996).

Ficaram em São Paulo onde Emílio abriu sua própria oficina, com pioneirismo registrado no marketing brasileiro, novidade sem precedentes na cidade nos anos 20, a oficina ficava aberta dia e noite. Porém, a oficina que teria sido um grande negócio não prosperou por conta das questões políticas que o Brasil também enfrentava na época, neste momento a Revolução de 1924, que reivindicava o fim do governo vigente na República Velha. Em meio a esses acontecimentos a oficina de Emílio foi “requisitada” pelos governistas. Quando a revolução terminou e ele retornou à oficina, encontrou o galpão vazio. Por conta disso foi necessário aceitar um emprego na agência Alfa-Romeo, até possuir o capital para abrir outra oficina, a Garagem Universal, que inaugurou em 1925 com Antônio Sartori como sócio. O empreendimento durou até 1926 quando foi vendido e Emílio rumou para o interior em busca de novas oportunidades.

Nesse momento em particular, a historiografia é conflitante quanto às datas. Conforme Marson (2014), no ano de 1924 Emílio Romi mudou-se com a família para a Vila Americana, que pertencia ao município de Piracicaba, em busca de novas oportunidades de trabalho. Com suas habilidades em mecânica encontrou emprego em uma oficina Chevrolet, onde adquiriu grande número de clientes e passou a ganhar um salário de quinhentos mil-réis, o maior salário de mecânico da região. Entre 1927 e 1929, Romi mudou-se novamente, agora para Santa Bárbara d’Oeste (MARSON, 2014, p.691)

Ainda de acordo com Marson (2014), essa região geográfica do interior paulista era rica em fazendas agrícolas (de café, cana-de-açúcar, por exemplo) que atraíram imigrantes que possuíam outras habilidades além do trabalho na lavoura. Essa atração pode ser explicada pela existência de estradas de ferro na região e das fazendas com engenho e café, que requeriam manutenção para seus equipamentos (locomotivas, vagões, máquinas de beneficiamento agrícola, caldeiras e moendas de cana-de-açúcar, carroças, automóveis e outros implementos agrícolas). Em 3 de setembro de 1929, Romi iniciou o próprio negócio com um capital de apenas dois contos de réis, emprestado por um amigo. Nasceu a Garagem Santa Bárbara de Emílio Romi, firma de

propriedade individual, com apenas dois operários em uma área de duzentos e cinquenta metros quadrados. Logo depois da fundação, antevendo os efeitos da Crise de 1929 sobre as importações, Emílio Romi comprou uma grande quantidade de peças para automóveis, tornando-se a maior oficina mecânica da região. (MARSON, 2014, p.693)

Entre os anos de 1931 e 1933 a Garagem teve suas instalações ampliadas e foi instalada uma bomba de gasolina, manual, a segunda da cidade. Por conta da Revolução Constitucionalista de 1932, o abastecimento de gasolina foi afetado já que esta era importada e ficou restrita ao “esforço de guerra”. A situação estimulou a criatividade de Emílio levando-o a ser precursor dos combustíveis alternativos; ele se antecipou quarenta anos ao Programa Pró-Álcool, ao procurar um engenheiro piracicabano chamado Lobo que vinha desenvolvendo uma pesquisa na Usina Santa Bárbara, misturando gasolina com 95% de álcool anidro e uma porção de óleo lubrificante. Romi forneceu os meios para que a pesquisa fosse acelerada, o resultado dela foi batizado de autolina e a comercialização era feita em galões de 5 e de 10 litros. Essa ideia muito nova e revolucionária, apesar de mais barata encontrou problemas: a produção limitada, dificuldade de distribuição e desconfiança do consumidor, acabou sendo uma ideia deixada de lado, contudo, até o fim da revolução foi o combustível que se dispunha na região. (BRANDÃO, 1996).

Por conta da Garagem foi criada em Santa Bárbara a primeira escola de aradores e tratoristas do Brasil. Em 1938 o nome da Garagem Santa Bárbara mudou para Máquinas Agrícolas Romi. O primeiro torno nacional foi produzido também pela família, em 1941: o torno 101, o primeiro da série que chamaram de TP, abreviatura para torno paralelo, mas ainda assim o produto precisava de um nome que fosse fácil de ser guardado e falado, pensando de forma simples decidiram pela inversão do nome familiar Romi, aí nascia Imor. As indústrias mudaram de endereço, cresceram, os tempos pioneiros tinham passado. A fábrica de máquinas agrícolas, disse Giordano filho de Emílio, um dia, tinha-se tornado fábrica de tornos. O produto mudou, porém, o lema continuou o mesmo: “*Produzir sempre e em maior escala, melhor, mais economicamente e a preço mais competitivo*”. (BRANDÃO, 1996).

A produção de tornos mecânicos foi intensa, e já em 1943 a firma havia produzido mil unidades. A empresa adotou a estratégia de investir no setor de tornos mecânicos e abandonou a produção de máquinas agrícolas, evitando, assim, uma diversificação prematura. Em 1948, com o auxílio do engenheiro André Toselo, a Romi iniciou a produção do primeiro trator nacional, denominado Toro, baseado no modelo Allis-Chalmers triciclo. Esse trator era mais pesado e mais potente do que seu concorrente direto, tendo um preço mais elevado do que o do modelo da Ford. O preço do primeiro trator nacional inviabilizou seu projeto. (MARSON, 2014, p.694)

Com o aumento da fábrica a Romi marcava o início da descentralização de Santa Bárbara. (BRANDÃO, 1996).

Até 1944 eram poucos os operários que sabiam ler e escrever, situação que incomodava Emílio que acabou instalando dentro da Romi a primeira escola de treinamento de operadores, embrião da escola que viria a ter convênio com o SENAI, destinada a aperfeiçoar e especializar funcionários. (BRANDÃO, 1996).

No fim dos anos 40 foi instituída a Caixa Beneficente, destinada a fornecer assistência médica e hospitalar, antecessora dos atuais convênios médicos, opcional para o funcionário, os que se interessavam contribuíam com 1% do salário e a empresa recolhia 2% para cada um; Emílio elaborava um princípio: “O homem, para ser mais útil para si, sua família e seu país, deve saber mais. Só assim valerá mais. Mas, para estar apto a receber mais conhecimento, precisa estar bem de saúde”. Era esse o conceito que nortearia a iniciativa destinada a ser um ramo importante da empresa, a Fundação Romi. (BRANDÃO, 1996).

Em 1º de janeiro de 1952 Emílio Romi tomou posse como prefeito de Santa Bárbara, venceu por esmagadora maioria recebendo 1.674 votos contra os 499 recebidos de seu opositor. Seu vice era Domingos Finamore, seu médico e grande amigo. A cidade dava demonstrações de que começava a se tornar um pólo, outras empresas além da Romi se instalaram ali, acompanhando o ritmo do país que se preparava para a modernização, entrando na era industrial. Na gestão Romi foi feita uma reforma administrativa com a criação de diretorias da Fazenda, das Obras, da Água e Esgoto e do Expediente. Havia problemas básicos a ser resolvidos, a água era escassa, à medida que a cidade crescia, os racionamentos tornaram-se corriqueiros. Em setembro de 1952 deu-se início a construção de um reservatório com 640 mil litros, assentamento de 10 quilômetros de encanamento, estação de tratamento, bombas de recalque, hidrômetros. No fim de seu mandato a cidade estava inteira servida. Estradas também eram essenciais, visto que Santa Bárbara vivia isolada. Para quem lidou a vida toda com o setor privado, trabalhar dentro das limitações e burocracias do setor público era complexo, principalmente por ter tanto a se fazer, Emílio se mostrava impaciente com esses entraves, muitas vezes chegando a ser arbitrário. (BRANDÃO, 1996).

Na educação acelerou a construção de escolas, no final de seu mandato, seu relatório acusava 53 unidades destinadas ao curso primário. Em um terreno de 10 mil metros, doado pela Companhia Industrial e Agrícola Santa Bárbara, foi iniciada a maior de suas obras, o Ginásio e Escola Normal, esta escola mais tarde recebeu o seu nome. Quando Jânio Quadros assumiu o governo federal o ginásio estava pela metade e o dinheiro acabou. A Fazenda estadual não liberava verba por ordens de Jânio. Emílio continuou subsidiando

a construção do próprio bolso, garantindo: “Sei que vou receber! Uma hora me paga. Só não posso parar agora! Se paro agora nunca mais isto acaba”. E o fez até que o dinheiro do governo voltou a entrar e ele foi reembolsado. Quando ele deixou a prefeitura no final de 1955, já era comendador pela *Ordine Militareed Ospitalierodi S. Maria diBetlemme*, Santa Bárbara era uma cidade preparada para o futuro. A receita do município que era de 3.225.261,20 cruzeiros no início do mandato, saltou para 5.788.729,50 cruzeiros. Em seu último dia no cargo, a Câmara Municipal lhe conferiu o título de Cidadão Barbarense. (BRANDÃO, 1996).

Após sua passagem pelo poder público sua próxima empreitada seria a produção do primeiro carro nacional. No dia 27 de agosto de 1955, depois das longas pesquisas no exterior, foi publicado no *Diário de S. Paulo*: “SERÁ LANÇADA ATÉ O FIM DO ANO A PRIMEIRA SÉRIE DE AUTOMÓVEIS DE FABRICAÇÃO NACIONAL”. (BRANDÃO, 1996).

Emílio declarou que até dezembro daquele ano os primeiros carros estariam no mercado; o nome estava decidido: Romi-Isetta. O nome escolhido provocou uma divisão curiosa, os gramaticalmente corretos usavam “o Romi-Isetta”, referindo-se ao carro, portanto masculino. Mas o povo na linguagem coloquial preferiu “a Romi-Isetta”, devido a suas linhas ousadas e curvilíneas, portanto, femininas. Dois dias antes da comemoração da independência, em 5 de setembro de 1956 foi feito um desfile no centro de São Paulo com os carros após terem sido “apresentados” ao governador Jânio Quadros e ao cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta. Os carros fizeram o percurso até o Palácio Episcopal onde foram abençoados pelo arcebispo. (BRANDÃO, 1996).

De acordo com Marson (2014), a Romi adquiriu os direitos de fabricar o automóvel Isetta da Iso-Motor, de Milão, o primeiro veículo nacional de dois lugares, com apenas 30% das peças importadas, foi fabricado até 1959, mas o projeto foi encerrado pela empresa porque a política de apoio às empresas automobilísticas pelo Grupo Executivo das Indústrias Automobilísticas para a isenção de impostos para a importação de peças excluiu os automóveis de dois lugares. Assim, seu custo inviabilizou seu sucesso no mercado automobilístico nacional, já que as peças de automóveis de quatro lugares tinham isenção de imposto e taxa de câmbio diferenciada para a importação de peças (MARSON, 2014, p.694)

1957 foi um ano marcante para Emílio e Olímpia Romi e para a história de Santa Bárbara, foi o ano em que o casal, em um gesto sem precedentes, doaram todos os seus bens para a Fundação Romi que haviam acabado de criar. A instituição que se tornou a menina dos olhos de Emílio segundo funcionários antigos. No dia 29 de junho todos se reuniram para ouvi-lo fazer o discurso de inauguração de modo descontraído. Ele começou por uma parábola de Cristo aquela em que o senhor foi viajar e deixou dois servos, cada

qual com um quinhão de ouro, um deles se rendeu a inércia e o outro prosperou. Nesse ponto, emocionado, Emílio fez uma ressalva: “Caminhei pelo mesmo caminho. O Senhor confiou algo às minhas mãos, aos meus filhos, aos meus companheiros. Não digo servos, vamos dizer companheiros. Trabalhamos longas jornadas. E aí está o resultado. Então, o Senhor diz agora ao seu servo, aos meus companheiros: Aqui está o quinhão, para que mais tarde possa essa Fundação servir de amparo a todos aqueles que necessitam: a criança pobre, a desamparada, a viúva, os órfãos, os aleijados, o recurso para quem nasce e para quem morre, para quem estuda, para quem pode estudar no exterior, para seu esporte, para a aprendizagem de um ofício, para amanhã se defenderem na vida. A tudo isso a Fundação deve chegar um dia. Sempre contando com vocês, meus companheiros de trabalho, meus companheiros de jornada, desde aquele que varre o quintal até o mais alto intelectual de nossas indústrias”. E disse em um tom que mais que um pedido, era uma ordem: “Tenho certeza que vocês não deixarão perecer isto que vai servir a todos”. (BRANDÃO, 1996).

Américo Emílio Romi faleceu no dia 15 de março de 1959, em decorrência do que era chamado na época trombose cerebral, aos 63 anos de idade, deixando sua esposa Olímpia e seus cinco filhos Carlos, Giordano, Álvares, Romeu e Julieta. É estimado que acompanhassem o cortejo de Emílio entre 15 e 20 mil habitantes de Santa Bárbara d’Oeste. Ao chegar à cidade não possuía nada além de um jogo de ferramentas, ao partir deixou uma empresa que transformou a região e possibilitou ao país montar um parque industrial com independência e uma Santa Bárbara d’Oeste renovada e grata.

## **2. SANTA BÁRBARA D'OESTE: BREVE HISTÓRICO DA CIDADE QUE O COMENDADOR AJUDOU A CRESCER**

Em 1818 nasceu à povoação que daria origem à cidade, a partir da doação do terreno feito por dona Margarida da Graça Martins, onde foi construída uma capela em louvor a Santa Bárbara. Ao contrário do que era comum na época, onde o poder político e econômico era dominado majoritariamente por homens, Santa Bárbara foi fundada por uma mulher. (MARTINS; MARTINS, 2018).

Margarida da Graça Martins nasceu em 27 de novembro de 1782. Era filha única do sargento-mor Manuel José da Graça, comandante militar da praça de Santos entre 1796 e 1804 e de Anna Maria Cardoso. Por conta da condição de filha única teve que gerir os negócios do pai quando ele estava seriamente doente, pouco tempo após ficar viúva de seu primeiro marido. Em 1810, com a morte do pai, Margarida herdou o Engenho São Jorge dos Erasmos, na época já era casada a cerca de três anos com o sargento-mor Francisco de Paula Martins. (MARTINS; MARTINS, 2018).

Foi casada com Francisco Martins que dona Margarida se tornou proprietária de uma antiga sesmaria, na segunda década do século XIX. Em 1817, dois anos após a morte do marido Margarida se transferiu para essa sesmaria. Teve então a iniciativa de doar as terras para a Cúria Paulistana, com o objetivo de construção de uma capela no local, que corresponde ao atual centro de Santa Bárbara d'Oeste. A doação é comprovada pelo livro de registros de Capelas, CM 23, que está no arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, nestes termos: "Santa Bárbara dos Toledos, povoação fundada por dona Margarida da Graça Martins, para nela ser ereta uma capela sob evocação de Santa Bárbara. Ano de 1818". (MARTINS; MARTINS, 2018).

A data de fundação do povoado e depois da cidade de Santa Bárbara d'Oeste, é 4 de dezembro de 1818; isso porque é a data da comemoração litúrgica à padroeira. (MARTINS, MARTINS, 2018).

A fundadora e a família foram atraídas para o local por conta da prosperidade crescente proporcionada pela cultura da cana-de-açúcar. De acordo com os registros históricos, a sesmaria de posse da família Martins tinha como limites, ao norte o rio Piracicaba, e a nordeste, o Ribeirão Quilombo. (MARTINS; MARTINS, 2018).

Em 1869, no dia 15 de junho por meio da Lei Provincial nº2, Santa Bárbara foi elevada de freguesia para vila. Como exigia a legislação da época, o processo de autonomia da nova vila deveria ser coordenado pelos

vereadores do município ao qual a Freguesia de Santa Bárbara estava vinculada, portanto, Nova Constituição (Piracicaba). Em 26 de setembro de 1869 aconteceu a instalação da Câmara Municipal de Santa Bárbara; a partir de então como aconteceu no Brasil até a Proclamação da República, a câmara era quem detinha o poder político do local. Com a Lei Estadual 1.038, de 19 de dezembro de 1906 o local passou de Vila Santa Bárbara para efetivamente um município. (MARTINS; MARTINS, 2018).

Um evento ligado ao primeiro governo Vargas que marcou a história de Santa Bárbara foi o nome da cidade. No Estado Novo a cidade toda se revoltou, e saiu vitoriosa, contra uma decisão federal em um episódio essencial para fortalecer a identidade local. Em 12 de novembro de 1943, pela Resolução 1.979 da Interventoria Federal, o nome Santa Bárbara foi mudado para Canatiba (denominação derivada da língua tupi, que significa “abundância de cana”). A mudança foi justificada para que não ocorresse confusão com o nome de outro município paulista, Santa Bárbara do Rio Pardo (depois Águas de Santa Bárbara), e também cerca de dez municípios de outros estados que tinham Santa Bárbara no nome. O nome escolhido correspondia à força da cana na cidade e região, mas, a população preferiu manter o nome por razões históricas, sendo que Santa Bárbara havia sido adotado desde o início. Foi criada uma comissão encarregada levar um memorial com mais de duas mil assinaturas ao interventor federal em São Paulo. O documento foi encaminhado ao Departamento de Municipalidades e ao Instituto Histórico e Geográfico no Rio de Janeiro, que faria um estudo acerca da proposta do nome. Em 21 de março de 1944 o Diário Oficial do Estado de São Paulo publicou o projeto aprovado, oficializando o nome Santa Bárbara d’Oeste, uma das três sugestões examinadas pelo governo federal. O “d’Oeste” foi aderido pela localização da cidade, a oeste da capital federal, na época o Rio de Janeiro. (MARTINS; MARTINS, 2018).

Após o episódio da mudança de nome a cidade só cresceu, acabando por se tornar uma cidade também industrial. Todo o crescimento urbano ocorrido entre as décadas de 1950 e 1970 só foi possível por gestos ousados realizados na gestão do visionário então prefeito Américo Emílio Romi. (MARTINS; MARTINS, 2018).

Marco extremamente importante desse crescimento foi à criação em 1957 da Fundação Romi, pelo casal Romi que já residia em Santa Bárbara havia quase três décadas.

Em todos esses anos, a Fundação investiu em saúde educação e cultura. Nos últimos 20 anos tem se dedicado especificamente à educação e cultura com a missão de transformar a sociedade e o ser humano, para o seu desenvolvimento integral, e com isso tem atendido em

média 30 mil pessoas anualmente. (MARTINS, MARTINS, 2018, p.

Os vinte anos que deram início ao século XXI foram marcados pela consolidação de um pólo universitário em Santa Bárbara d'Oeste, consequência natural da preocupação central que a cidade sempre teve com a educação desde seus primórdios. O primeiro grupo escolar passou a se chamar "Grupo Escolar José Gabriel de Oliveira" a partir de 1938. Em 1937 nasceu à primeira escola brasileira de aradores e tratoristas e, em 1947 o Ginásio Santa Bárbara, que depois viria a se chamar Escola Estadual Comendador Emílio Romi. A partir da década de 1950 vieram os cursos profissionalizantes, em 1956, a Escola Técnica de Comércio começou as atividades; em 1958 nasce o Centro de Aprendizagem Industrial, uma parceria entre SENAI e Fundação Romi. Dois anos depois deu-se início ao Curso Científico no Ginásio Santa Bárbara. (MARTINS; MARTINS, 2018).

Em 2018 a cidade contava com mais de 50 escolas municipais e estaduais. Em 2010, a taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais era de 3,68%, uma das menores do Brasil. Entre os anos de 1991 e 2010, segundo dados do Censo do IBGE a cidade registrou um importante aumento proporcional no grau de escolaridade da população de 25 anos ou mais. Em 1991, apenas 3,1% da população nessa faixa etária tinha ensino superior completo e em 2010 a proporção já era de 8%. Do mesmo modo nesse intervalo de 19 anos cresceu de 8,3% para 27,5% a proporção de pessoas com ensino médio completo e superior incompleto nessa faixa etária. Sinais do avanço do ensino superior e técnico na cidade. (MARTINS; MARTINS, 2018).

### **3. A FUNDAÇÃO ROMI E O NÚCLEO DE EDUCAÇÃO INTEGRADA (NEI)**

Foram 13.553 alunos formados, de 1958 a 1984, nos cursos de Aprendizagem Industrial, Treinamento Operacional e Treinamento Industrial. Esse é apenas um dos feitos da Fundação Romi (em convênio com o SENAI) em educação e capacitação profissional, em benefício do desenvolvimento de Santa Bárbara d'Oeste e região. A Fundação foi pioneira em cursos de áreas estratégicas. Desde a década de 1990, a instituição centrou esforços no desenvolvimento comunitário, tendo educação e cultura como pontos de apoio. (MARTINS, 2007, p.12).

No início da década de 1950, com a industrialização evoluindo rapidamente, Emílio Romi idealizou uma organização para dar maior assistência e proteção aos “romilianos”, colaboradores da empresa, visto que para Emílio o capital humano era o mais importante. Sendo assim, nasceu em 6 de dezembro de 1951, a Caixa Beneficente Máquinas Agrícolas Romi, o primeiro passo para a Fundação. A Caixa tinha como objetivo específico “prestar aos seus associados, assistência médica, cirúrgica, hospitalar, auxílio maternidade, auxílio funeral e outros benefícios que futuramente forem possíveis”. (MARTINS, 2007).

Desta forma foi evoluindo na mente de Américo Emílio Romi a ideia da criação de uma Fundação para ampliar a assistência aos funcionários e famílias, abrangendo também as áreas de educação e recreação. (MARTINS, 2007).

No dia 29 de junho de 1957, foi instituída a Fundação Romi, uma das primeiras fundações privadas criadas no Brasil, sob as vistas do Dr. Calmette Satyro Bonatelli, do Ministério Público da Comarca de Piracicaba, conforme Escritura Pública do mesmo dia, registrada sob o número 92, página 67 – Registro de Pessoas Jurídicas, 2ª Circunscrição de Piracicaba, SP. Na escritura continha a intenção do casal Romi de instituir uma Fundação “com o objetivo precípuo de prestar assistência material, moral, intelectual e recreativa” aos funcionários e seus dependentes. A instituição foi considerada de utilidade pública pelo governo estadual por meio do Decreto 35.527 de 19 de setembro de 1959. A utilidade pública a nível federal veio pelo Decreto 655, de 8 de março de 1962. A Fundação foi registrada no Conselho Nacional de Assistência Social em 23 de janeiro de 1961 com o Processo 123.390/60, sendo concedido o Certificado de Entidade Filantrópica em 7 de janeiro de 1963 com o Processo 81.603/62. Em 1972 com a abertura do capital social de

Indústrias Romi S.A, a empresa obrigou-se a manter sempre a Fundação nos termos estabelecidos estatutariamente. (MARTINS, 2007).

Com a transformação da sociedade local, vieram mais escolas (tanto públicas quanto privadas) dando mais opções para a população, a capacitação da mão de obra das Indústrias Romi deixou de depender tanto da Fundação, desta maneira a instituição começou a olhar de maneira mais ampla para a comunidade. Quando ela se consolidou e ficou mais forte financeiramente pôde, segundo Emílio Romi Neto “abrir seu leque de benefícios para toda a comunidade, não mais restringindo para os familiares e colaboradores”. A partir da década de 1990 a instituição julgou que sua missão estava cumprida com a assistência médica oferecida, portanto, os recursos que eram destinados para essa área foram encaminhados para educação e cultura, prioridades no esforço de abertura para a comunidade. No início do século XXI o foco passou a ser finalmente a formação do cidadão, incluindo o cuidado para com a cultura e a memória histórica e social do local. (MARTINS, 2007).

Em 1993 a Fundação Romi criou o projeto educacional que mudou a vida de muitos barbarenses o NEI (Núcleo de Educação Integrada).

O projeto inicialmente atendia adolescentes, em sua maioria oriundos de famílias de baixa renda, que participando dele tinham acesso a ferramentas educacionais modernas, pensadas e praticadas pela Fundação para habilitar esses jovens de escola pública, vindos do ensino fundamental, e enfrentar em melhores condições o ensino médio, visando também uma participação ativa na sociedade com ética e sentido de cidadania e capacitando-os para uma futura profissionalização. (MARTINS, 2007). Porém o projeto não visava o reforço escolar, mas sim a complementação dos estudos desses alunos, proporcionando a eles as mesmas oportunidades de ensino de educandos das melhores instituições particulares.

Com o Núcleo de Educação Integrada era esperado que o aluno:

- Construísse sua autonomia;
- Aos poucos aprendessem há organizar o tempo e o espaço para a realização das atividades propostas;
- Se tornassem cada vez mais solidários, dinâmicos, criativos e responsáveis.

Assim sendo, dos professores envolvidos era esperado que:

- A capacidade de a partir de um tema criar desafios com conteúdos interessantes e significativos para a vida cotidiana do aluno;
- O compartilhamento de saberes pedagógicos, acompanhando grupos que estão desenvolvendo os desafios de outras áreas de

estudo, que não a sua, seguindo e aprendendo com estratégias pedagógicas dos colegas;

- A maior interação do corpo docente no processo de ensino-aprendizagem, por conta da quebra do isolamento da sala de aula tradicional, uma prática pedagógica realmente integradora;
- Contato direto e diário com cada aluno do Núcleo, percebendo sua capacidade criativa e seu ritmo de aprendizado;
- Expor suas perspectivas e pensamentos de forma mais livre, apresentando ideias, fazendo correções, apresentando novas atividades que aos poucos vão sendo incorporadas ao projeto inicial.

A metodologia de educação integrada aplicada nesse projeto não se desenvolveu de uma hora para outra, ela começou quase que do momento em que o Dr. Liu Fat Kam assumiu a superintendência da Fundação Romi em 1983. Ele tinha uma visão diferenciada sobre a área educacional, apesar de sua formação inicial ser a medicina, para ele saúde e educação andam juntas visto que somente um cidadão formado e bem informado tem condições de assegurar para si, e para os seus, saúde adequada. (MARTINS, 2007).

Dr. Liu foi convidado pelo Ministério da Educação a integrar um grupo de trabalho convocado para representar o ensino técnico no Brasil, por conta deste convite ele teve a oportunidade de ter contato com educadores de vários países como Rússia, Índia e Alemanha o que colaborou para ampliar sua visão educacional. No começo da década de 1990 estava clara para o superintendente e sua equipe a necessidade de mudanças de paradigmas na educação. Essa mudança de paradigmas já tinha sido iniciada pela Conferência Mundial Educação para Todos, em Jomtien, na Tailândia e reforçada em eventos que vieram a seguir. (MARTINS, 2007).

Em 1996, ano da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI convocada pela UNESCO, publicou seu relatório final. Nele eram indicados os aprendizados essenciais para o século XXI, que consistiam em: aprender a conhecer aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver. Aprendizados esses que apontam claramente para a necessidade de uma educação integral, para a vida, cidadania e trabalho. (MARTINS, 2007).

No Brasil a primordialidade de uma educação integral e integrada se tornou mais evidente com os resultados do exame PISA (sigla em inglês de Programa Internacional para Avaliação de Alunos). Os exames de 2000 e 2003 mostraram que os estudantes brasileiros estavam muito abaixo da média mundial. (MARTINS, 2007).

Essa educação integrada já vinha sendo praticada na Fundação Romi desde 1993, primeiro ano do programa NEI. Nesse mesmo ano os professores foram treinados por especialistas na UNICAMP, sob a coordenação do professor Eduardo Chaves. O objetivo era a capacitação para uma educação por projetos. Depois de uma etapa-piloto o formato ideal do projeto foi atingido. Através de uma prova de seleção seriam escolhidos alunos que estivessem cursando as antigas 7ª e 8ª séries da rede pública de ensino. “A nossa preocupação sempre foi com a forma de aprendizado. O conteúdo era uma consequência”, resume Dr. Liu. (MARTINS, 2007, p. 86).

O lema inicial da instituição era “educar para a totalidade, partindo da totalidade”, ressaltando o fortalecimento dos aspectos cognitivos dos jovens e também a consolidação de conceitos como responsabilidade, respeito, trabalho em equipe, honestidade, integridade, solidariedade, tudo isso visando o desenvolvimento de um espírito crítico e criativo. (MARTINS, 2007).

O atendimento realizado no contra turno da escola regular inicialmente atendia 40 alunos da 7ª série e 40 alunos da 8ª série em cada período, totalizando 160 vagas. Nesse período eram oferecidas três áreas de estudo: Língua Portuguesa e Literatura, Língua Inglesa e Informática Educacional, Linguagem LOGO de programação, ferramenta elaborada para desenvolver o raciocínio e resolução de problemas. Em 1996 o currículo oferecido foi ampliado para a introdução de Música.

Por conta da grande procura pelo programa foi instituída uma prova de seleção que abrangia a leitura e entendimento de textos e o raciocínio lógico-matemático. A cada ano o número de alunos interessados crescia, chegando a marca de 10 pretendentes para cada vaga, sendo que quanto melhor o desempenho dos alunos de determinada escola, maior o número de vagas a ela oferecidas, mas, todas as escolas da rede municipal tinham direito a pelo menos uma vaga por período. Em 2007, a instituição aumentou para 200 o número de vagas e no ano seguinte para 240.

A princípio o programa pretendia atender a todo Fundamental I e II, porém, por conta da falta de recursos somente duas séries foram contempladas. A escolha pelo trabalho com alunos no fim do ciclo do Fundamental II deu-se por essa ser uma fase de definição de caminhos pelo estudante. O projeto funcionava por meio de temas gerais para o desenvolvimento do aprendizado e na apresentação de resultados alunos e professores avaliam como foram às pesquisas dos temas, o que deu errado e o que pode ser melhorado, todo o processo feito em conjunto. Além da oportunidade de apresentar esses resultados para colegas e professores, os alunos podiam apresentá-los também para outras séries do ensino público em encontros mensais com o intuito de multiplicar o que aprendiam. Como resultado de todo esse processo de aprendizagem o jovem está melhor

preparado para agir com autonomia, construir seus conhecimentos, trabalhar em grupo e se autoavaliar. (MARTINS, 2007).

Em 2005, a Superintendência da Fundação sugeriu que o programa passasse por algumas inovações. Deu-se início a uma “revolução” no processo de ensino-aprendizagem, as classes nos moldes que eram conhecidas foram mudadas para grupos formados por alunos das duas séries trabalhadas, com diferentes idades e de diferentes escolas; ao todo foram formados 16 grupos no período matutino e 18 no período vespertino. O conceito de interdisciplinaridade foi adotado definitivamente pela escola e o conhecimento acadêmico se transformou em “rede de conceitos”, enriquecendo mais o trabalho por meio de projetos. Com essa nova forma de trabalho o conceito do desafio foi incorporado na escola (os alunos não mais tinham aulas ministradas pelo professor frente à classe, detentor de todo o saber, mas, resolviam desafios para chegar ao resultado final), juntamente com três novas áreas de estudo: ciências, filosofia e artes, e em 2010 a área de expressão corporal.

A prática pedagógica baseada em desafios é a mola propulsora de motivação para a aprendizagem, que se estabelece pela própria ação do aluno em interação e cooperação com os outros membros de seu grupo. A cada projeto os grupos eram mudados, assim sendo, os alunos tinham a oportunidade de interagir e se relacionar com todos os outros durante o ano letivo.

No ano de 2013 o Conselho Deliberativo da Fundação Romi decidiu por transformar o NEI em uma escola regular, e a princípio ofertar 300 vagas para alunos do ensino fundamental II. Com o propósito de manter a proposta inovadora para além do contra turno seu Projeto Pedagógico foi ampliado e deu-se início ao processo de regulamentação e adequação das exigências legais previstas pelo MEC. Sendo assim, em 2014 nasceu à escola da Fundação Romi. Em 2019 o Núcleo de Educação Integrada ampliou os serviços oferecidos, passando a atender toda a educação básica, ampliou também seu complexo educacional adequando os espaços e a estrutura física da escola para cada faixa etária.

Mesmo após se tornar uma escola regular, por conta da metodologia adotada, os alunos do NEI não são agrupados por idade, mas por séries diferentes. A instituição se apóia nos estudos vygotskianos nesse âmbito, ratificando a importância do trabalho cooperativo que favoreça as relações interpessoais. O desenvolvimento psicológico depende de forças sociais externas tanto quanto de recursos internos vinculados ao conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal – ZDP. A tese subjacente a esse conceito, conforme Ardichvli (2008) é a de que o desenvolvimento psicológico e a instrução encaixam-se socialmente. Para entendê-los, é necessário analisar a sociedade

ao redor das quais são estabelecidas as suas relações sociais. Vygotsky (1991) definiu ZDP como:

a distância entre o nível real (da criança) de desenvolvimento determinado pela resolução de problemas independentemente e o nível de desenvolvimento potencial determinado pela resolução de problemas sob orientação de adultos ou em colaboração com companheiros mais capacitados (VYGOTSKY, 1991, p.86)

Nesse sentido, conforme Ardichvli (2008), a ZPD é uma “ferramenta analítica necessária para planejar a instrução, e uma instrução bem-sucedida tem de criar uma ZPD que estimule uma série de processos de desenvolvimento interior”. (ARDICHVLI, 2008, p.52)

Desta forma, os alunos aprendem juntos, sem distinção de idade e sim unidos por interesses e os desafios propostos.

A estrutura física da instituição é pensada para favorecer o desenvolvimento de habilidades e competências cognitivas, socioemocionais e físicas, que trabalhadas em conjunto favorecem a formação global dos alunos.

### **3.1. Projetos Paralelos**

Em 29 de junho de 1999, foi publicado o novo estatuto social da Fundação Romi, destacando o novo foco da instituição, no sentido do desenvolvimento comunitário, baseando-se na educação, cultura e meio ambiente. (MARTINS, 2007).

Em 14 de agosto do mesmo ano foi assinado um convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Santa Bárbara d’Oeste para o desenvolvimento do Projeto Abelhas Ocupadas. Foi o primeiro de vários projetos desenvolvidos a partir do sucesso do NEI. (MARTINS, 2007). Foram esses os projetos desenvolvidos:

- *Abelhas Ocupadas*: o projeto consistia em desenvolver atividades com as mesmas práticas pedagógicas do NEI com cerca de 100 crianças do último ano do Fundamental I da rede municipal, essas crianças vinham principalmente da área rural. A Secretaria Municipal de Educação do município contribuía nesse projeto ajudando a selecionar os alunos contemplados e fornecendo alimentação e transporte aos alunos. Os monitores eram os próprios alunos do Núcleo de Educação Integrada, assim eles eram estimulados a praticar o protagonismo juvenil reforçando o senso de responsabilidade.

- *LEP (LOGO na Escola Pública)*: esse projeto tinha por objetivo sensibilizar dirigentes e professores da rede pública para a implantação da Linguagem Educacional de Programação LEP e consistia em levar a ferramenta LOGO (programa que auxiliava no desenvolvimento do raciocínio lógico, resolução de problemas, organização de espaços e criatividade com ajuda da tartaruga Tati) para dentro das escolas da rede municipal de educação. Foram montados três laboratórios de informática em escolas da rede, alunos de outras escolas se deslocavam de ônibus para esses laboratórios. Ex-alunos do NEI atuavam voluntariamente acompanhados por profissionais contratados. Em 19 de abril de 2002 foi assinada uma Carta de Intenções para a execução do LEP entre a Fundação, Secretaria Municipal de Educação e People Educação de Campinas.
- *Bolsa Auxílio*: era um projeto destinado a ex-alunos do NEI que tivessem ingressado em escolas de ensino médio/técnico da região (como Cofil, Cotuca, Etec Polivalente e Etec José Dagnoni, por exemplo), os beneficiados recebiam auxílio financeiro para alimentação e transporte pelo período em que estivessem frequentando o curso. Para manter a bolsa o aluno deveria apresentar atestado de frequência de no mínimo 75% e não poderia reprovar em nenhum dos anos do ensino médio. Para ser contemplado pela bolsa o aluno deveria atender aos critérios socioeconômicos específicos do projeto, ter frequentado integralmente os dois anos oferecidos pelo NEI até então e ser oriundo da rede pública de ensino.
- *Seja seu Filho por um dia*: projeto que era destinado aos pais dos alunos do Núcleo de Educação Integrada, consistia na visita dos pais as dependências da instituição, uma vez a cada bimestre, para desenvolver atividades semelhantes às desenvolvidas pelos alunos/filhos, obtendo assim conhecimento acerca do projeto pedagógico e se envolvendo no processo de aprendizagem, o que é fundamental para o sucesso do mesmo.
- *Encontros de Educadores*: desde 2001, com sua primeira edição de 25 a 27 de julho, a Fundação Romi promoveu este encontro, no qual a experiência pedagógica vivenciada no NEI era apresentada aos educadores da rede pública. Na primeira edição do encontro foram oferecidas 8 oficinas, sendo elas: “A Lógica Matemática no Ensino Fundamental”, “Os jogos e a sua contribuição para os processos de aprendizagem”, “Atividades Lúdicas no ensino de inglês”, “A integração da língua estrangeira ao projeto pedagógico da escola”, “Sua voz instrumento de trabalho: aprenda a usá-la”, “O computador como ferramenta para enriquecer seu trabalho na sala de aula”, “O trabalho com

projetos nas séries iniciais do Ensino Fundamental – o prazer de compartilhar aprendizagens, entre quem ensina e quem aprende”, “O trabalho com projetos e a conquista da autoestima pelo aluno”. Momento de troca para esses educadores também apresentarem seus conhecimentos. A edição de 2006 teve a participação de José Pacheco, da Escola da Ponte de Portugal.

- *Proteção à Infância*: projeto comunitário desenvolvido em parceria com poder público, empresas e ONGs, tinha por objetivo proporcionar excelência no atendimento à primeira infância da cidade. Um grupo gestor coordenava, sistematizava e registrava as atividades.

O futuro da educação pode ser vislumbrado por meio das atividades desenvolvidas pela Fundação Romi, principalmente com as atividades realizadas no Núcleo de Educação Integrada, a metodologia pedagógica ousada traz respostas positivas. O programa mostra como essa instituição sempre esteve em sintonia com os desafios de cada momento histórico. Antes seus esforços educacionais eram voltados para a capacitação da mão-de-obra, agora a visão está voltada para o desenvolvimento comunitário, por uma educação integral e a cultura em um sentido amplo.

### 3.2. Resultados

A Fundação Romi enquanto instituição pesquisou o impacto e resultados de seus projetos, tanto de forma autônoma quanto por consultorias especializadas. Dentro de seu acervo histórico é possível ter acesso aos resultados de algumas dessas pesquisas como os apresentados a seguir.

De acordo com a empresa de consultoria especializada Pulsar, ao realizar-se a comparação de dados municipais sobre os índices educacionais de Santa Bárbara d'Oeste e a Fundação Romi, chegou-se ao seguinte resultado:

Alunos que concluíram o Ensino Médio:

- Ex-alunos da Fundação Romi – 89,20% (2003)
- No município de Santa Bárbara d'Oeste – 38,54% (Fundação SEADE 2000)

Alunos que ingressaram na faculdade, na faixa etária dos 20 aos 24 anos:

- Ex-alunos da Fundação Romi – 61%

- No município de Santa Bárbara d'Oeste –15% (Fundação SEADE 2001)

No mesmo sentido, de acordo com os dados do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), em 2007, o índice do Brasil foi de 4,2; o do Estado de São Paulo de 4,7 e das escolas municipais de Santa Bárbara d'Oeste de 5,8. O IDEB do município ficou acima da média nacional, estadual e o maior entre as 19 cidades da Região Metropolitana de Campinas.

Atualmente o NEI divulga em seus canais oficiais e folhetos de divulgação para matrículas que a escola tem resultados no SARESP acima da média das escolas públicas e particulares do Estado de São Paulo e alto índice de aprovação nos principais vestibulinhos da região.

#### **4. A EXPERIÊNCIA DE SER UMA ALUNA DA FUNDAÇÃO ROMI**

Frequentei o Núcleo de Educação Integrada durante os anos de 2011 e 2012. Na época a instituição já atendia a população barbarensense como um todo, desde que fosse oriunda da escola pública como constava no projeto. O processo seletivo se dava por meio de uma prova dissertativa que abrangia as disciplinas de português e matemática. O resultado era divulgado algumas semanas depois no jornal “Diário”, na seção de classificados.

No decorrer desses dois anos comparecia ao NEI no período matutino, oposto ao da rede regular de ensino; tendo acesso à grade curricular que continha as disciplinas de: português, matemática, inglês, ciências, arte, filosofia, música e expressão corporal e LOGO (programa desenvolvido para auxiliar no ensino de informática e geometria e raciocínio lógico).

Não ocorriam aulas ministradas por um professor em frente à turma, nos moldes da educação tradicional, trabalhávamos por meio dos projetos, que mudavam de tema a cada semestre. No decorrer do projeto os alunos, em grupos formados metade pelos veteranos do Núcleo e metade pelos calouros, passavam por todas as disciplinas, onde eram submetidos a desafios relacionados ao tema trabalhado. Esses desafios eram resolvidos de forma conjunta, tendo o professor como um apoio para chegar ao resultado final e não como detentor de todo o saber. Eram-nos oferecidas às ferramentas para pesquisa com o intuito de fazê-la da forma mais autônoma possível, não existia jeito certo e errado de chegar ao resultado.

Ao final do projeto o processo avaliativo se dava por meio da avaliação em grupo/do grupo e a autoavaliação. A autoavaliação e avaliação do grupo consistiam em fichas com alguns tópicos no qual deveríamos dar notas de 0 a 10 de acordo com o nosso desempenho no projeto para cada ponto abordado. Para tanto os alunos tinham um dia no qual ficavam livres pelas dependências da Fundação para se concentrar e fazer essa avaliação de forma honesta. A autoavaliação era checada pelos professores e arquivada, já a avaliação do grupo era discutida com os professores em uma reunião posterior no qual era debatido se o corpo docente concordava com a nota que o grupo estava se dando, o porquê, os pontos que precisavam ser melhorados, os pontos que foram satisfatórios. Era uma conversa tranquila na qual os educadores tentavam levar os alunos a conclusão de desempenho mais honesta possível, mas, sem o medo e a pressão que a avaliação carrega na maioria das vezes.

Outra ferramenta pedagógica da qual o NEI se utilizava, que era muito interessante e fazia enorme diferença tanto no processo de ensino

aprendizagem, quanto na autoestima e autonomia dos alunos era o coral. Ele fazia parte dos desafios por meio da disciplina de música e expressão corporal, mas, também funcionava de forma autônoma. Aconteciam ensaios todas as sextas-feiras regidos pelo maestro Paulo Bellan (ainda professor no NEI atualmente). O coral se apresentava nas formaturas das turmas e em eventos culturais da cidade de Santa Bárbara d'Oeste. Grande incentivador da cultura era comum no repertório canções que remetiam as raízes da população local.

Os projetos paralelos que a Fundação desenvolvia reforçavam ainda mais o senso de cidadania e trabalho em grupo dos alunos e acabavam por atingir a comunidade para fora dos muros também. Durante minha passagem pela instituição participei de três que foram muito marcantes: o projeto Abelhas Ocupadas, Meu Amigo da Escola Pública e as Andanças Culturais.

O Abelhas Ocupadas consistia, como já citado anteriormente, em uma espécie de reforço para os alunos do último ano do Fundamental I da rede pública, principalmente os que residiam nas áreas rurais. Esses alunos se encaminhavam para as dependências no NEI nas manhãs de sábado e eram atendidos pelos próprios alunos da instituição, supervisionados pelos professores. Eram desenvolvidas atividades baseadas em conteúdos que os alunos do Núcleo estavam estudando, mas que também atendesse as necessidades dessas crianças. Além do reforço em si era uma ótima oportunidade de apresentar o universo do Núcleo de Educação Integrada para essas crianças para que talvez, mais tarde, viessem a ser alunos de lá. Experiência enriquecedora também para os adolescentes que participavam do projeto voluntariamente, podendo conhecer mais de perto outras realidades sociais que mesmo estando presentes na cidade poderiam parecer tão distantes, além de fazer com que se valorizassem mais as oportunidades de ensino as quais se tinha acesso.

O projeto Meu Amigo da Escola Pública consistia em uma visitação do espaço do NEI por parte dos alunos da rede que teriam idade para pleitear uma vaga no ano seguinte. Quase da mesma forma que acontecia no Abelhas os alunos do Núcleo apresentavam o espaço físico da escola e aplicavam atividades nos moldes aos quais eram submetidos eles próprios. Sempre com a supervisão de professores, porém, com total autonomia para desenvolvê-las, inclusive eram os grupos de alunos que planejavam as atividades a serem desenvolvidas, apenas necessitando do aval do professor responsável para aplicá-las. A exposição de como a liberdade era valorizada dentro da instituição desde que usada com responsabilidade conquistou muitos candidatos a alunos.

As Andanças Culturais foi um projeto idealizado pelos professores, não sei ao certo quanto tempo durou, mas ele existiu nesse intervalo de dois anos. O projeto foi uma forma encontrada de desmistificar a realidade do NEI para a

população como um todo e não apenas para quem estava de alguma forma ligado as escolas. Nos dias de realização do projeto a comunidade que compunha o Núcleo se encaminhava para alguma das praças públicas de Santa Bárbara d'Oeste para realizar exposição das atividades desenvolvidas, tirar dúvidas que poderiam surgir, convidar ao maior número de pessoas possível para conhecer a trabalho desenvolvido pela Fundação Romi, visto que seu maior propósito sempre foi auxiliar a população. Um projeto que trouxe muito conhecimento para todos os envolvidos.

Ser aluna dessa instituição foi o primeiro passo para mudar a visão sobre a educação, mesmo jovem. Foi um processo que permitiu aprender como a autonomia é importante na vida de um aluno, que ensinou a valorizar a educação democrática e de qualidade. Um período inspirador e enriquecedor da vida escolar, que deixou marcas profundas.

## 5. ESCOLA ESTADUAL COMENDADOR EMÍLIO ROMI

Na década de 1940, funcionava em Santa Bárbara d'Oeste um ginásio particular onde estudavam os filhos das famílias mais poderosas. As autoridades barbarenses há muito tempo desejavam implantar um curso secundário na cidade e ampliar o acesso ao estudo para uma parcela maior da população.

Em municípios vizinhos como Piracicaba, Campinas e outros, já existiam colégios estaduais com cursos secundários, possibilitando o ensino gratuito. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO, 1997).

Assim, em um movimento liderado pelo Rotary Clube, uma comissão foi nomeada para estudar a instalação desse ginásio, essa comissão fez campanha junto ao empresariado da cidade para reformar um prédio existente na Rua Inácio Antônio (que foi construído para ser o primeiro hospital de Santa Bárbara e veio a ser demolido na década de 1980). A Prefeitura Municipal contribuiu para garantir sua manutenção e no início de 1947, um curso preparatório marcou as primeiras atividades com vistas ao ginásio estadual. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO, 1997).

Em 02 de janeiro de 1950 a escola recebeu denominação de Ginásio Estadual, por meio da Lei 613, contudo, apenas em março, o então prefeito Lourival João Kirche anunciou que o governador do Estado, Adhemar de Barros, havia assinado o decreto nº 19.219-F, concretizando o sonho da comunidade de dispor de um estabelecimento de ensino secundário (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO, 1997). Essa notícia foi motivo de desfile pelas ruas da cidade.

O professor Ulisses de Oliveira Valente administrou o curso preparatório e o professor José Toledo de Noronha atuou como diretor do ginásio.

Após funcionar por alguns anos no prédio provisório, foi na gestão do prefeito Comendador Emílio Romi que o Ginásio Estadual mudou-se para um prédio próprio e definitivo. O terreno de 10.000 metros quadrados foi doado pelo empresário Roberto Alves de Almeida, filho do Coronel Luiz Alves de Almeida, proprietários da Usina Santa Bárbara. A construção do prédio recebeu uma atenção especial dos engenheiros envolvidos, visto que estes fizeram o projeto mantendo a posição do prédio em alinhamento ao sol, para que, desta forma a escola recebesse iluminação o dia todo. Esse detalhe explica porque a escola não se enquadra esteticamente no quarteirão do bairro onde se encontra.

O Comendador foi um dos homens da cidade que não mediram esforços para conquistas como estas na área da educação. Além da contribuição financeira por meio de sua empresa, as Indústrias Romi SA, durante sua gestão da cidade garantiu que as obras do prédio definitivo da escola não fossem interrompidas, apesar do atraso no repasse de verba por parte das esferas superiores. A escola passou a denominar-se “Colégio Estadual e Escola Normal Comendador Emílio Romi” através do decreto 31.563 de 28 de março de 1958, assinado pelo governador Jânio Quadros. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO, 1997).

Quando foi construído o Ginásio tinha 12 salas de aula, 9 salas de administração, anfiteatro, laboratório, portaria, corredores, escada e hall. Em 1961 o prédio foi ampliado passando a contar com dois pavilhões, salas próprias para os laboratórios de química, física e gabinete de história, salas de trabalho manual, biblioteca, entre outras dependências. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO).

A partir da década de 1970 o ginásio passou a oferecer também cursos técnicos. O curso para formação de técnicos em açúcar e álcool foi o primeiro oficializado na escola. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO, 1997).

A luta pela implementação desse curso começou em 1975 pelo então diretor prof. Jorge Calil Assad Sallum, juntamente com uma equipe de técnicos especializados da Usina Santa Bárbara. Estes se dedicaram aos estudos necessários para a abertura de turmas, como a organização e estrutura curricular, equipamentos didáticos, laboratório, estágio, mercado de trabalho, características profissionais, entre outros. O objetivo do curso era formar profissionais em nível médio para as indústrias do açúcar, visto que este produto era a principal fonte de exportação do país na época. O Pró-Álcool estava nos planos do Governo e era visível a necessidade de dotar o setor de nível tecnológico para sua modernização e desenvolvimento. O álcool-anidro, sub-produto do açúcar, estava adquirindo grande importância nos planos governamentais diante da crise energética devido ao alto preço do combustível.

Em 27 de outubro de 1976 foi assinado o convênio para oficialização do curso de Açúcar e Álcool, entre a Secretaria de Educação, IAA (Instituto do Açúcar e Álcool de São Paulo) e Usina Santa Bárbara. O Governo aprovou o pedido de instalação, oficializando o curso, nível de segundo grau, com oito semestres de duração, no terceiro ano do curso o aluno dava continuidade aos estudos em nível superior. A Usina Santa Bárbara cedia suas instalações e canais para as aulas práticas. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO).

As aulas foram iniciadas em março daquele ano, com 40 alunos na primeira classe. Os estudantes que passavam pelo curso formavam-se químico açucareiro e técnico agrícola canavieiro. O curso se manteve por 21 anos, até 1997 quando foi desativado por determinação da Secretaria de Educação do Estado. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO, 1997).

Também em 1976, no dia 4 de abril, foi iniciado o curso Técnico em Eletrônica Industrial na escola. Esse curso foi viabilizado através de convênio firmado entre as Indústrias Romi e a Secretaria de Educação. Ele foi o primeiro criado no país especialmente para o setor industrial. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO, 1997).

Por intermédio do diretor da época que sentiu a necessidade da implementação de um curso profissionalizante diante do grande interesse dos alunos da escola que buscavam estabelecimentos que os encaminhassem a vida futura, começou a realizar visitas as Indústrias Romi. Por meio deste contato percebeu também a necessidade de mão-de-obra qualificada, concluindo que a criação do curso seria o ideal para a cidade, em termos práticos e objetivos.

A partir disso foram muitas as viagens para a capital do estado, juntamente com diretores das Indústrias Romi, na tentativa da concretização do projeto. A empresa de Emílio Romi investiu uma alta quantia na aquisição de aparelhos e equipamentos necessários para o laboratório e cedeu funcionários para auxiliar tanto nas partes práticas quanto teóricas.

O curso teria quatro anos de duração, gratuitos. A notícia da sua implementação atraiu alunos de várias regiões do estado. Mais de 200 estudantes se candidataram as primeiras 40 vagas oferecidas. A primeira aula foi realizada no Esporte Clube Barbarense, ministrada por Giordano Romi, diretor da empresa. Os formandos do curso recebiam certificado de técnico em eletrônica com registro no CREA. Este também foi oferecido por 21 anos, tendo sua última turma formada em 1997, por determinação da Secretaria de Educação do Estado. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO, 1997).

No ano de 1997, por conta da reestruturação do ensino público que vinha ocorrendo foram encerrados os cursos técnicos oferecidos na instituição, os já citados acima e também os de habilitação para o magistério de 1º e 2º graus e técnico em enfermagem. A partir de então a escola passou a oferecer os cursos de 1º e 2º graus (ensino fundamental e médio) e ensino jovens e adultos (supletivo de 2º grau), nenhum deles com caráter profissionalizante. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO, 1997).

A escola seguiu atendendo o público do ensino médio no período da manhã, fundamental II à tarde e supletivo noturno até o ano de 2013, quando passou a integrar o programa de escola de tempo integral.

A partir de então a instituição atende apenas alunos que estão cursando ensino médio e faz parte das 417 escolas do Estado de São Paulo que oferece esse modelo de ensino, no qual, além das matérias regulares do currículo os alunos também dispõem de disciplinas eletivas que buscam ajudá-los a conhecer e desmistificar diversas áreas de atuação que possam interessar no passo seguinte da graduação (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO). Os estudantes permanecem 9 horas diárias dentro da escola, mas, isso não fez com que ela tomasse um caráter assistencialista.

Atualmente a proposta pedagógica da instituição se baseia nos quatro pilares da educação: aprender a conhecer aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Continua estimulando a autonomia e protagonismo de seus alunos dentro e fora dos muros da escola, como é comum as instituições que começaram com o ideal do comendador Américo Emílio Romi.

Apesar de ser uma instituição de ensino pública, a escola mantém a excelência desde seus primórdios, sendo uma das escolas com as maiores médias em avaliações externas e aprovações em universidades do município.

Segundo o Inep a média geral da escola no Enem 2019 foi acima da do município:

*E.E. Comendador Emilio Romi - 545.5*

*Município de Santa Bárbara d'Oeste - 544.7*

*Brasil - 504.9*

As taxas de rendimento escolar da instituição sempre se mantiveram altas, mas, vem crescendo desde a mudança para o público alvo exclusivamente de concluintes do ensino básico:

2013: Reprovação – 1,5% Abandono – 0,5% Aprovações – 98%

2014: Reprovação – 2,6% Abandono – 0,3% Aprovações – 97,1%

2015: Reprovação – 1,2% Abandono – 0% Aprovações – 98,8%

2016: Reprovação – 0% Abandono – 0% Aprovações – 100%

2017: Reprovação – 0% Abandono – 0% Aprovações – 100%

2018: Reprovação – 0% Abandono – 0% Aprovações – 100%

2019: Reprovação – 0% Abandono – 0% Aprovações – 100%

Assim como o Núcleo de Educação Integrada, a Escola Estadual Comendador Emílio Romi teve influência dessa personalidade em seus primeiros passos e continua a ser uma instituição que muito contribui para a educação do município de Santa Bárbara d'Oeste.

## **6. SENAI ALVARES ROMI E O VALOR DA EDUCAÇÃO TÉCNICA**

A educação enquanto meio para o desenvolvimento pessoal e social sempre foi uma das linhas de conduta mais importantes para Américo Emílio Romi, ele sempre a respeitou como chave para um novo mundo, tanto individual quanto coletivo. (MARTINS, 2007).

O SENAI havia sido criado em 1942, durante o governo Vargas. Ele seria então subordinado à Confederação Nacional da Indústria (CNI) e Federação de Indústrias Estaduais. A criação do centro de Santa Bárbara d'Oeste com a Fundação Romi se tornaria um modelo de parceria com instituições privadas para o ensino profissionalizante. (MARTINS, 2007).

O Centro de Aprendizagem Industrial do SENAI foi inaugurado em 25 de fevereiro de 1958. As indústrias Romi investiram 2 milhões de cruzeiros em material e máquinas para o Centro. Ele funcionou provisoriamente no refeitório da empresa, com 60 alunos, para cursos de 18 meses de duração. A primeira turma do Centro teve sua formatura em 19 de dezembro 1959, com Álvares Romi como paraninfo. (MARTINS, 2007).

Em 1960 a capacidade de atendimento foi ampliada para 130 alunos. Os cursos oferecidos eram cada vez mais procurados por jovens da cidade e região. Entre 1958 e 1984, foram formados 13.553 alunos. No ano de 1982, nos 25 anos da Fundação Romi foi inaugurado o ITEI (Instituto Técnico de Eletrônica Industrial). Quatro anos depois foi implantado o Núcleo de Difusão de Tecnologia, visando capacitar programadores, operadores e manutentores de máquinas equipadas com Comando Numérico Computadorizado. (MARTINS, 2007).

Finalmente no início de 1994 foi anunciado o propósito de criação do Centro Técnico e Pedagógico de Apoio à Formação de Formadores (CTPA, que mais tarde, em 2008, viria a ser chamado SENAI Álvares Romi. O centro promoveria, segundo o Dr. Liu, superintendente da Fundação Romi, a convergência de metodologias de ensino e inovações tecnológicas. Ele era resultado de um convênio entre SENAI-SP, Fundação Romi, Indústrias Romi, e o Ministério da Educação, sendo este representado pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná – CEFET. (MARTINS, 2007).

O propósito do Centro era a formação de docentes de cursos profissionalizantes mantidos pelo SENAI, ou também por outras instituições de ensino, além da formação e atualização de profissionais vinculados a empresa. Seria um centro multiplicador, para capacitação de educadores em sintonia

com as últimas novidades científicas e tecnológicas. A assinatura para criação e manutenção do CTPA aconteceu em Brasília, no dia 13 de abril de 1994, na Sala Cristal, integrante do Ministério de Educação e Desporto. Para marcar o início das atividades do Centro, foi promovida uma Conferência Técnica Internacional com o tema “Educação Baseada na Competência”, no dia 14 de fevereiro de 1995. O professor que presidiu a conferência foi Bryan Hall, especialista em métodos educacionais e novas tecnologias para educação e treinamento, consultor do *British Council* Chefe do Departamento de Engenharia do *Pembrokeshire College*, no Reino Unido. Em maio do mesmo ano aconteceu à inauguração oficial, com a presença do ministro da Educação e Desporto, Paulo Renato Souza e do presidente da FIESP-CIESP, Carlos Eduardo Moreira Ferreira. (MARTINS, 2007).

Em 1997 a instituição iniciou o projeto internacional de atualização de docentes do Ministério da Educação do Chile nas áreas de eletrônica e mecânica, projeto que foi concluído em 2001. Em 1999 iniciou o projeto de inclusão social, educacional e profissional para pessoas com deficiência auditiva, atendeu dezenas de jovens e adultos surdos e treinou professores e coordenadores das unidades do SENAI e de escolas estaduais e municipais para o trabalho de inclusão, outro projeto também já concluído. Em 2003 consolidou as ofertas de Cursos de Formação Inicial e Continuada. Entre vários outros feitos que podem ser listados incorporou ao seu calendário anual, além dos cursos oferecidos, workshops que por meio de exposições, palestras e seminários apresenta novas tecnologias do mercado, os principais participantes desses eventos são alunos, ex-alunos, professores, demais funcionários e dirigentes de empresas. (MARTINS, 2007).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa apresentada é possível inteirar que o Município de Santa Bárbara d'Oeste sempre contou com pessoas preocupadas com a qualidade da educação ali oferecida, tendo como forte figura o Comendador. Apesar de o foco inicial ser puramente o saber para se tornar uma mão de obra qualificada o processo foi, além disso.

Uma pessoa influente que se preocupa com a formação dos menos favorecidos faz grande diferença para a realidade em que se encontra. Emílio Romi foi essa pessoa para a cidade, visto que por meio de suas ações Santa Bárbara d'Oeste foi pioneira em áreas de estudos técnicos, sediou convênios e parcerias que eram novidade para o país, teve uma de suas usinas como núcleo para o desenvolvimento de um estudo que resultou em um novo tipo de combustível, teve a construção de uma de suas maiores escolas públicas concluída sem maiores atrasos graças ao foco de Emílio (que no momento se encontrava na posição privilegiada de prefeito municipal) entre outras inúmeras ações importantes que foram destrinchadas no decorrer da pesquisa.

Ao passar pelas instituições que levam a sua idealização a vida de inúmeras pessoas mudou sendo-lhes proporcionadas oportunidades de estudo que poderiam ser inimagináveis devido a questões financeiras, apontando novas opções de caminhos a serem trilhados como a possibilidade de ingressar em um colégio técnico com vistas a melhores chances no mercado de trabalho e, eventualmente, ingressar em um curso de nível superior. Mesmo tendo seu objetivo inicial proporcionar melhores condições para os funcionários das suas Indústrias, com o passar do tempo toda a população do município, de alguma forma (mesmo não passando diretamente por nenhuma das instituições acima elencadas), foi influenciada pela existência delas, tendo algum familiar que foi atendido pelos projetos sociais ali desenvolvidos, ou mesmo visitando o CEDOC (Centro de Documentação Histórica), uma das tantas vertentes com relevância social que compõe a Fundação Romi, que conta com um acervo de documentos que remontam a 1850 e é acessível para toda a população da cidade e da região.

Sendo assim, ao valorizar a história local, acaba-se contribuindo para que a importância dessas instituições não caia no esquecimento e ao valorizá-las é possível que cada vez mais pessoas se interessem em conhecê-las, podendo ser também beneficiadas por elas ou contribuir para sua manutenção e evolução.

## REFERÊNCIAS

AMERICANA. Diretoria de Ensino. **Caracterização da Unidade: E. E. Comendador Emílio Romi**, 1997.

ARDICHVLI, A. Lev Semyonovich Vygotsky, 1896-1934. In: Joy A. Palmer (org.) **50 grandes educadores modernos**. São Paulo: Contexto, 2008, p.50-55.

BIKLEN, R. B. S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução a teoria e aos métodos**, 12ª Ed., Porto Editora, 2013.

BRASIL. INEP. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br>> Acesso em: 25 mai. 2021.

BRANDÃO, I. L. **Oficina de Sonhos: Américo Emílio Romi, Aventuras de um Pioneiro**, Geográfica Editora, São Paulo, 1996.

FUNDAÇÃO LEMANN. QEDu. Emílio Romi Comendador. Disponível em: <<https://www.qedu.org.br/escola/182235-emilio-romi-comendador/taxas-rendimento/>> Acesso em: 25 mai. 2021.

FUNDAÇÃO ROMI. Centro de Documentação Histórica. CDOC. Disponível em: <<https://cdoc.fundacaoromi.org.br/imagens//Catalogo/Fundacao%20Romi/Geral/Rg39343.pdf>> Acesso em: 24 mai. 2021.

FUNDAÇÃO ROMI. Centro de Documentação Histórica. CDOC. Disponível em: <<https://cdoc.fundacaoromi.org.br/imagens//Catalogo/Fundacao%20Romi/Geral/Rg119178.pdf>> Acesso em: 24 mai. 2021.

FUNDAÇÃO ROMI. Centro de Documentação Histórica. CDOC. Disponível em: <<https://cdoc.fundacaoromi.org.br/imagens//Catalogo/Fundacao%20Romi/NEI/Rg103369.pdf>> Acesso em: 24 mai. 2021.

FUNDAÇÃO ROMI. Centro de Documentação Histórica. CDOC. Disponível em: <<https://cdoc.fundacaoromi.org.br//imagens//materiais%20graficos/Fundacao%20Romi/NEI/Rg43744.pdf>> Acesso em: 25 mai. 2021.

FUNDAÇÃO ROMI. Centro de Documentação Histórica. CDOC. Disponível em: <<https://cdoc.fundacaoromi.org.br//imagens//materiais%20graficos/Fundacao%20Romi/NEI/Rg147891.pdf>> Acesso em: 25 mai. 2021.

FUNDAÇÃO ROMI. Centro de Documentação Histórica. CDOC. Disponível em: <<https://cdoc.fundacaoromi.org.br//imagens//materiais%20graficos/Fundacao%20Romi/NEI/Rg40769.pdf>> Acesso em: 25 mai. 2021.

FUNDAÇÃO ROMI. Núcleo de Educação Integrada. Disponível em:<<https://educacaoquetransforma.org.br/>>Acesso em: 25 mai. 2021.

FUNDAÇÃO ROMI. **Proposta Pedagógica NEI**, 2018. Disponível em: <<https://fundacaoromi.org.br/fundacao/nei/a-escola/o-nucleo-de-educacao-integrada/proposta-pedagogica>>Acesso em: 24 mai. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**, 6ª Ed., Atlas Editora, São Paulo, 2017.

MARTINS; J. P. S.; MARTINS, R. **Santa Bárbara d'Oeste 200 Anos**, Editora Kongo, 2018.

MARTINS, J. P. S. **Fundação Romi 50 anos**. Campinas: Editora Komedi, 2007.

MARSON, M.D. A evolução da indústria de máquinas e equipamentos no Brasil: Dedini e Romi, entre 1920 e 1960. **Nova Economia**. Belo Horizonte, 24 (3), p.685-710, set./dez. 2014. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/neco/a/Yww46QyBR4YQKXPhc3w8fHw/?lang=pt&format=pdf>> . Acesso em: 03 jun. 2021.

MIALHE, J. L. A nacionalidade originária e a questão da duplanacionalidade: *jus soli* e *jus sanguinis* em perspectiva histórica. **Revista Videre**, Dourados, MS, v.10, n.20, p. 224-244, jul./dez. 2018. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/videre/article/view/8176/4891>>. Acesso em: 03 jun. 2021.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Câmara Secreta**, São Paulo: Editora Rocco, 1998.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Ensino Integral. Disponível em:<<https://www.educacao.sp.gov.br/ensino-integral>>Acesso em: 25 mai. 2021.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. E.E.P.S.G. Com. Emílio Romi. **Edição Comemorativa aos 50 anos da E.E.P.S.G. Com. Emílio Romi**, Julho de 1997. Disponível no acervo histórico da escola.

SENAI. Escola Senai "Alvares Romi". Disponível em:<<https://santabarbara.sp.senai.br/>> Acesso em: 14 mai. 2021.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. Disponível em: <<https://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/vygotsky-a-formac3a7c3a3o-social-da-mente.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

Rio Claro, 07 de junho de 2021.

*Daniele A. Munari*  
Daniele Alves Munari.

A stylized handwritten signature consisting of three vertical strokes on the left, a horizontal stroke across the middle, and a long horizontal stroke extending to the right.

Prof. Dr. Jorge Luís Mialhe  
(orientador)